



**ENTRE FARSIS E AS COLUNAS DE HÉRCULES:
ASPECTOS DA MEDITAÇÃO FILOSÓFICA DE VICENTE
FERREIRA DA SILVA**

Alexandro F. Souza

Graduado em Filosofia – UFJF

Aluno do Curso de Especialização em Ciência da Religião – UFJF

Membro do Núcleo de Estudos Ibéricos e Ibero-Americanos – UFJF

alephsouza@gmail.com

Os últimos dois séculos da história humana transcorreram marcados pelas incríveis conquistas tecnológicas e pelo revolucionário avanço da ciência. O desenvolvimento experimentado nesses últimos duzentos anos acalentou e ainda acalenta os desejos humanos de superação das adversidades da vida e dos conflitos e desigualdades sociais; esse desenvolvimento tecnológico e científico tem, por vezes, adquirido um caráter salvífico, sendo encarado como a única via capaz de livrar o homem de seus problemas e de promover a plenitude da sua existência. Os benefícios advindos desse absurdo avanço iniciado no século XIX são inegáveis; o homem, hoje, experimenta um bem-estar sem precedentes na sua história e, além

disso, a ciência tem nos proporcionado um absurdo alargamento de nossos conhecimentos e, o que antes era obra de ficção, tornou-se realidade cotidiana das mais vulgares. Entretanto, o homem tem experimentado uma profunda decepção com essa hipertrófica consciência tecno-científica e, nauseado, procura outras formas de explicitação da Realidade que lhe ofereçam uma visão mais ampla e unitotalitária de si mesmo e das coisas que o rodeiam. A ciência e a tecnologia parecem fragmentar por demais a realidade circundante e o homem, como um todo, vê-se perdido em meios às conquistas tecnológicas e científicas. Necessitando de éticas e discursos orientadores de sua conduta, o homem se volta para outras formas de explicitação da Realidade, volta-se para a filosofia, para a religião, para a arte ou para os esoterismos tão abundantes em nossos dias. Há tempos vezes se insurgem contra a pretensa capacidade científica de abarcar o homem e o seu mundo circundante, vezes essas que nos alertam sobre os perigos ocultos no mito do progresso que, grosseiramente, objetiva o homem, esquecendo-se que este é mais que meramente um dado sensível. Encontramos uma dessas vozes insurgentes no cenário filosófico brasileiro, nos escritos de Vicente Ferreira da Silva. O filósofo paulista nos alerta para os perigos em que essa hipertrófica e desviante consciência científica pode nos enredar.

Buscando inspiração na filosofia de Martin Heidegger e em sua meditação sobre o esquecimento do Ser e, por vezes, imprimindo-lhe uma perspectiva assaz original, Ferreira da Silva procura nos chamar a atenção para o distanciamento das fontes originais do Ser e para o equívoco de se tomar o homem como o senhor do ente. Para Vicente Ferreira da Silva, a pretensa capacidade ordenadora do Real do ente humano afastou-o das tensões existenciais e das verdadeiras instâncias promotoras da plenitude de sua existência. Como nos escreve Miguel Reale no prefácio das *Obras Completas* do filósofo paulista:

Crítico impenitente de toda posição filosófica fundada na díade “sujeito-objeto”, repele ele tanto a subjetividade que se verticaliza em si mesma, como a objetividade que se desliga das tensões existenciais, rompendo o elo com as fontes originais do Ser. É essa a crítica acerba que ele faz à cultura do Ocidente que, a seu ver, quanto mais desenvolve os impulsos da subjetividade pretensamente ordenadora do real, mais estende sobre a realidade viva e autêntica a capa espessa de uma objetividade postiça, fruto de esquemas operacionais e formalizações técnicas uniformantes e deformantes, com perda irreparável de verdade e beleza (REALE, 1964: 09).

Este breve artigo, a partir da leitura de três ensaios da obra de Vicente Ferreira da Silva - *O Andróptero, Para uma Moral Lúdica e Formas do Reconhecimento* - pretende abordar, ainda que brevemente, a visão do filósofo no tocante à essa “perda irremediável de verdade e beleza” da qual nos fala Miguel Reale.

O provincialismo intelectual:

O avanço do conhecimento científico e tecnológico, juntamente com o mito do progresso originado desse desenvolvimento, trouxe ao homem a ilusão de um mundo em permanente construção; entre tapumes e andaimes, o homem se angustia na espera de um mundo perfeito, um mundo porvir ao qual ele, como um operário, está constantemente por ajudar a construir. Entretanto, tendo esse mundo ainda por vir, o homem protela a sua existência plena, é ele sempre o operário e nunca o homem que busca viver a sua existência. Por conta de instâncias que ele julga superiores - o futuro, o progresso, a carreira - vive o homem apartado da verdade e da beleza, afastado da liberdade e da vida plena. A

ação humana nunca é um fim em si mesma, ela sempre almeja um além que, sorrateiramente, furta-lhe a possibilidade de uma existência autêntica. Em *Para uma Moral Lúdica*, assim nos escreve Ferreira da Silva:

Um veneno insidioso foi se infiltrando lentamente no corpo da sociedade atual, um veneno estranho e invisível, cujos sintomas, tornando-se cada vez mais nítidos, incapacitaram o homem para suas mais autênticas realizações. Uma atmosfera de constrangimento e de frustração circunscreve o campo da consciência e por todos os lados a expectativa do que está por vir tinge de cores carregadas as perspectivas vitais. (...) Realmente, o homem não vive mais na plenitude de suas energias, no desenvolvimento pletórico de suas faculdades, tolhido por não sei que liames invisíveis. A cada momento a consciência sente que o que a rodeia não é a vida e a fruição da vida, mas sim qualquer coisa que a precede, prepara ou interrompe, e tudo fica sempre relegado para a vida sucessiva. O existir tornou-se a consciência de uma privação, de um esforço, de um vazio expectante que exige um complemento para a sua orfandade.

O ideal de construção e avanço indefinidos, iniciado no século XIX, acaba, segundo Vicente Ferreira da Silva, por protelar o sentido da plenitude de viver. A tecnologia, a ciência, que deviam ser encarados como meios para a promoção dessa plenitude acabam tornando-se o fim e o sentido para a existência humana, transformando, dessa forma, o mundo humano numa massa uniforme de trabalhadores entregues à uma “faina estafante, numa caça exaustiva de recursos que nunca desembocam numa promoção da vida por si mesma” (SILVA, 1964: 138). O grave equívoco entre meios e fins tornou a cultura uma força obsessiva e escravizadora, onde o homem é apenas uma peça da engrenagem e não o criador e aquele que deveria ser o principal beneficiado com as conquistas culturais. Essa *machina* monstruosa acaba por sujeitar aquele que deveria auxiliar, prescrevendo-

lhe condutas, necessidades e o subjugando cada vez mais ao limite constrangedor do meramente sensível; esse conhecer monstruoso, como nos diz Ferreira da Silva, acaba por “cercear nossas aspirações, obstruir nosso caminho criador no mundo, revelando a vida mais como uma necessidade que se impõe do que como um sonho e uma liberdade em desenvolvimento” (SILVA, 1964: 139).

Confinado nos limites criados pela consciência científica que lhe dita normas e o subjuga, o homem esquece-se de suas origens e tem, dessa forma, obstruído o seu caminho para uma vida plena, pois, como escreve Ferreira da Silva:

A cultura humana tornou-se exauriente, obsessiva, imperiosa, escravizadora mais do que libertadora. Todos esses indícios revelam ser a consciência moderna uma consciência expulsa do que poderia constituir sua terra prometida, sempre preparando-se para viver, para saber, para sentir, e nunca sabendo, vivendo ou sentindo. (SILVA, 1964: 139).

Esse tipo de cultura opressiva, que transforma o mundo humano numa massa operária impede as realizações plenas da existência humana; o homem habita entre Farsis e as colunas de Hércules, sem suspeitar das maravilhas que existem além desses limites, além dos limites prescritos pelo conhecimento científico. Comentando um dos escritos de Platão, Ferreira da Silva nos diz que:

Fechados nesse exíguo círculo, entre vales e escarpas confinantes, não temos muitas vezes sequer o presentimento das paragens divinas que nos envolvem (...). Tendo fixado nossa residência neste solo pedregoso e estéril, aqui vivemos disseminados pelas praias e costas, como “formigas e rãs em redor de um pântano”. Este provincialismo geográfico desastroso e fatal, que se nos adere, termina por nos cegar, e deixamos então de perceber que a “terra que pisamos, estas pedras e todos os lugares que habitamos estão inteiramente corrompidos e arruinados como aquilo que

jaz no fundo do mar o está, pela acritude dos sais”. Em toda parte, as infiltrações arenosas e salobras sustam o crescimento de toda forma bela e plena, “assim como no mar nada cresce de perfeito e valioso”. Não conhecendo outra perfeição além da paisagem desta região inferior, imaginamos viver em opulência entre as folhagens enfermas que nos cercam (SILVA, 1964: 17).

Esse provincialismo geográfico e intelectual, esse geotropismo que nos condena a uma *transdescendência*, impede o *andróptero* de voar, de realizar plena e belamente a sua existência; extraviado de sua vocação ontológica e fechado nos limites do meramente sensível, o homem encontra-se oprimido e angustiado.

Para uma moral lúdica:

No *cosmos* intelectual platônico, o vôo do *andróptero*, o ultrapassamento desse provincialismo intelectual, é possibilitado pela contemplação das Idéias puras. A doutrina platônica da Idéias seria, segundo Vicente Ferreira da Silva, “uma verdadeira doutrina da liberdade e da libertação para a alma oprimida do homem” (SILVA, 1964: 19). As Idéias seriam matrizes absolutas, Ser original e não meras cópias estéreis; seriam a superação dos limites exíguos impostos pelos dados sensíveis e pelos conceitos. Dessa forma as Idéias exercem “um papel distensivo e libertador, pois nos facultam a evasão da pura constatação fática e do confinamento dos sentidos e dos conceitos” (SILVA, 1964: 20). O homem extraviado da Verdade e da Beleza encontra sua plenitude na contemplação e na aceitação da soberania do Ser.

O homem está ontologicamente vocacionado para a liberdade, cabendo a ele então a tarefa de transcender o meramente sensível, extirpando, dessa forma,

o veneno que o incapacita para suas mais autênticas e plenas realizações. A conduta humana, segundo Ferreira da Silva, deve ter um fim em si mesma, pois “apenas o desempenho de tais atividades amadas por si mesmas, pelo prazer que sentimos em seu puro exercício, podem nos proporcionar serenidade e alegria espiritual” (SILVA, 1964: 141). A moral propriamente humana deve ser uma moral lúdica, única moral adequada ao homem e única capaz de o livrar da náusea em que este se encontra. Em seus escritos Ferreira da Silva elege o jogo como símbolo dessa atividade lúdica:

O símbolo mais completo que possuímos de uma tal conduta ética, encontramos-la no jogo, movimento pleno em si mesmo e que não se cumpre em vista de outro fim ou resultado. Joga-se por jogar, para gozar da plena expansão de nossas energias e potencialidades e para o supremo gáudio de nossa liberdade. Nada de imediato, utilitário, mesquinho, interrompe um tal comportamento que se consome em sua própria interioridade. O objetivo do jogo é o jogo, é a ação da ação, o ato do ato. Como símbolo de uma conduta que encontra o deleite no “completo”, a atividade lúdica é o mais próximo paradigma de um sentido de felicidade que o homem moderno perdeu quase inteiramente (SILVA, 1964: 141).

Em *A Dialética das Consciências*, obra de 1950, onde Vicente Ferreira da Silva desenvolve uma antropologia filosófica, podemos encontrar a teoria do jogo um tanto mais desenvolvida, mais notadamente no ensaio intitulado *Formas do Reconhecimento*. Para Ferreira da Silva, o jogo, o espírito agonal, possuindo fim em si mesmo, é um exercício da liberdade humana. No jogo, e em todas as competições em que o homem põe à prova sua força, destreza e habilidade, encontramos a libertação da subjetividade humana, libertação essa que propicia a emergência do homem autêntico e que pode ser caracterizada como uma transcendência do mero *estar-aí*; “no espaço do jogo”, escreve Ferreira da Silva,

“o homem exhibe e produz sua prioridade ontológica relativamente às coisas” (SILVA, 1964: 178).

A força plasmadora da atividade lúdica, do jogo, é a raiz da cultura humana, pois é somente através da atividade lúdica que o homem expressa sua primazia ontológica. O jogo instaura um mundo de possibilidades e, negando o mundo corrente, liberta o homem de qualquer determinação advinda do dado sensível. Sobre o papel do lúdico na formação da cultura Ferreira da Silva nos diz que:

O homem afirmou sua realidade ontológica pela linguagem variada da luta, do jogo, da imaginação criadora e de todas as outras especificações do impulso de negatividade. Nesta obra histórica não interveio unicamente a operosidade do trabalho (...), mas toda a energia estuante e despreocupada que se manifesta nos concursos, porfias e em todos os movimentos festivos dos grupos sociais (SILVA, 1964: 180).

Entre essas forças lúdicas e criadoras devemos incluir a mito-poesia. Como atividade livre, lúdica, do ente humano, a mito-poesia doa as formas da cultura humana. O jogo mitológico inaugura um espaço de representações e possibilidades de um determinado grupo humano. Na base de todo edifício cultural encontramos a atuação da capacidade humana do fantástico, pois, “o jogo, tendo como elemento a prospecção fantástica de um mundo de possibilidades, comparece de maneira ostensiva entre os elementos morfogenéticos da cultura e da personalidade humana” (SILVA, 1964: 180).

Concluimos, então, reafirmando a crítica feita por Vicente Ferreira da Silva ao equivocado e angustiante *modus vivendi* da sociedade contemporânea. Tal opção existencial tem levado o homem a distanciar-se cada vez mais das fontes originais da existência, circunscrevendo-o a uma indigna convivência com o

meramente sensível determinado pela razão técnica. A voz de Vicente Ferreira da Silva se ergue contra esse depauperamento da existência humana e contra essa perda de verdade e de beleza a que a cultura científica tem submetido o homem.

Referências bibliográficas:

- SILVA, Vicente Ferreira da. *Obras Completas*. Volumes I e II. Prefácio de Miguel Reale. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1964.